

## REFLEXÕES ENUNCIATIVAS: E SE BAKHTIN VISITASSE O *ORKUT*?

Valesca Brasil IRALA (Universidade Católica de Pelotas/Universidade Federal de Pelotas-UNIPAMPA)

**ABSTRACT:** *This paper proposes to argue about Bakhtin's theory and its influence in the teacher's and student's relationship in orkut, site of great penetration in Brazil. Concepts as interaction, speech and genre will be mobilized.*

**KEYWORDS:** *genre; orkut; interaction; teachers; students.*

### 0. Introdução

Temos nos deparado nos últimos tempos (mais precisamente a partir de 2004) com o fenômeno virtual denominado *orkut*, que se auto-caracteriza como uma comunidade *on-line* que pretende promover um “ambiente de confraternização” entre seus usuários (informação retirada do site *orkut.com*). Na verdade, o *orkut* é bem mais do que uma comunidade, no sentido tradicional do termo, pois apresenta mais de dezessete milhões de usuários cadastrados, sendo mais de 70% deles brasileiros (Wikipedia, [*on-line*]).

Nesse sistema funcional, possível de abarcar uma ampla diversidade de sujeitos, os quais se constituem e são constituídos pelos outros pela linguagem, podemos encontrar uma dinamicidade de atividades mediadas pelo artefato computacional e um sem-número de potenciais interativos orientados aos mais diversos sistemas de relações humanas (familiar, amorosa, profissional, estudantil, etc.).

A pesquisa em Linguística Aplicada (doravante, LA), área do conhecimento de caráter interdisciplinar, segue (ou deveria seguir) algumas tendências, conforme reivindica Leffa (2001): especialização na diversidade; compromisso com a sociedade e a existência de fusões. Ao levar em conta essas três tendências aplicadas ou em vias de aplicação na LA (seria uma utopia?), tenho claro que a mais relevante é o compromisso com a sociedade. Sendo assim, se hoje o *orkut* ocupa no contexto brasileiro um papel relevante (apesar de sabermos o quanto ainda é possível falar em exclusão digital), torna-se tarefa da LA também a possibilidade de fornecer teorizações e compreensões sobre esse sistema, difundido entre tantos usuários em um curto espaço de tempo.

Se ele se configura como um sistema de atividades inter-relacionadas, interessa-me, como formadora de professores de língua e professora de língua, situar meu foco de investigação em uma direção: a relação que se estabelece nesse sistema entre professores e alunos de língua estrangeiras.

Poderia parecer inapropriado falar em “alunos” e “professores” se o *orkut* não é uma plataforma desenvolvida com fins educacionais, como o são os cursos a distância, os fóruns de discussão e *sites* para fins educativos, por exemplo. Entretanto, percebe-se que há um rearranjo de certas relações estabelecidas no domínio das interações face-a-face, principalmente porque um dos objetivos estabelecidos pelo site do *orkut*, além do de ampliar o diâmetro das relações de amizade, é o de fortalecer contatos originados nas aquelas interações. Porém, o interessante é que se as relações estabelecidas são deliberadas pelo próprio usuário (que poderá aceitar ou não uma solicitação de “amizade”), é viável interpretar como e de que forma certos contratos sociais originados em situações reais são ou não transpostos para o ciberespaço.

Encontrar no *orkut*, entre as diversas manifestações identitárias complexas possíveis em cada indivíduo, algum indício que remonte ao status de que possa residir nele um “aluno” ou um “professor” (em alguns casos ambos) não é tarefa complicada, pois facilmente o usuário se revelará (por meio de seu perfil auto-construído) ou será revelado por outros (pelos testemunhos e *scrap*s deixados pelos seus amigos). Para entender tal cenário, lançarei mão neste trabalho, da teoria enunciativa de Bakhtin. Antes disso, detalharei na próxima sessão as funções de algumas ferramentas disponibilizadas no *orkut* que servirão de exemplo para as reflexões aqui desenvolvidas.

### 1. O que há no *orkut*?

A primeira ferramenta disponibilizada pelo sistema é a construção do perfil. Esse tem três possibilidades de incursão por parte do usuário: social, profissional e pessoal. Nem todos os usuários lançam mão de todas as informações que podem ser disponibilizadas através do perfil, porém, para esta investigação, além do que pode ser revelado pelos dados do perfil profissional (muitas vezes inutilizado pelos usuários), torna-se interessante o que o usuário revela no espaço destinado a descrição livre

sobre si mesmo. Aqui, encontramos aquilo que Foucault (1994) denominou de “técnicas de si”, onde o indivíduo se constrói como sujeito.

É relevante apontar que o sujeito se põe ou não como professor ou como aluno explicitamente naquilo que seria o “cartão de entrada” nas páginas pessoais dos usuários. Em termos bakhtinianos, denota-se na constituição de si, inevitavelmente, outras vozes. Essas vozes não se dão exteriormente, mas configuradas em uma “fronteira interior” que se constrói tanto pela “lei do discurso” (dos enunciados) como pelo meio histórico, materializado pela formação de gêneros originados de uma relativa estabilização desses enunciados (cf. Authier-Revuz, 2004, p. 27).

Uma outra ferramenta, que acaba multiplicando-se, é a possibilidade de cada usuário aderir à comunidades de interesses comuns. Existem comunidades de alunos e ex-alunos de professores, comunidades de escolas de educação regrada, universidades (e seus respectivos cursos) e também escolas de idiomas, etc. Alunos e professores, mesmo sem manifestarem em seus “cartões de entrada” tais status, ao se somarem a essas comunidades também estão marcando-se identitariamente e revelando concepções sobre as práticas educacionais as quais estão inseridos e que vozes oriundas dessas práticas os marcam.

Ferramenta bastante usual e que viabiliza de maneira mais concreta a interação entre os usuários é o envio de *scraps*. Os *scraps* são comentários que qualquer usuário poderá receber em sua página, tanto pelos “amigos” já adicionados como por qualquer membro do *orkut*. Esse, por sua vez, para responder aos comentários, deverá entrar na página pessoal do usuário que lhe enviou, pondo em prática assim, além da sua competência lingüística, uma competência hipertextual que lhe será necessária para desenvolver a interação com os demais usuários.

Uma outra ferramenta interessante para a análise dos perfis de professores e alunos de línguas é o envio de “testemunhos”, que, após serem aceitos pelo usuário, estarão disponíveis em sua página principal, podendo ser lidos por quaisquer membros do *orkut*. Só é possível o envio de testemunho para um usuário que já faça parte da rede de amigos pessoais. O testemunho poderá ou não ser aceito, o que denota um certo “gerenciamento” às atividades desenvolvidas por outros usuários.

Essas ferramentas engendram novos gêneros de discurso, entendidos por Bakhtin (2003, p. 262) como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Esses gêneros digitais, para Marcuschi, “criam novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais”, proporcionando um novo “enquadre participativo” (2004, p. 17). Nesse novo enquadre, várias instâncias interativas parecem recobrar padrões de outros gêneros e de alguma maneira, redefini-los.

### 3. Um olhar na teoria

Conceito crucial na teoria de Bakhtin é o dialogismo. Pelo princípio dialógico podemos atribuir o estatuto da linguagem que lhe é imanente. É na linguagem que depreendemos os valores atribuídos por nós mesmos e pelo outro. No *orkut*, conforme OLIVEIRA (2005), o sujeito quer configurar-se como um ser livre, quer se auto-constituir da maneira que bem o entender (quando escreve o seu perfil ou ingressa nessa ou naquela comunidade), entretanto, acaba esquecendo que continua sendo controlado, pois os demais usuários também o estão constituindo (pelos testemunhos e *scraps*).

Se “eu me projeto no outro que também se projeta em mim” (BEZERRA, 2005, p. 194), quando nos deparamos com as interações no *orkut* realizadas entre professores e alunos e como esses projetam uns aos outros ao transpor pela palavra os eventos e as práticas de suas salas de aula, podemos reconstruir tais perfis, sem entretanto tipificá-los de forma estanque e definitiva.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 268), “nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação de gêneros e estilos”. Baseando-se nisso, poderíamos entender que esses fenômenos novos, particularizados pela linguagem, também são capazes de engendrar novos padrões de comportamentos, já que novas relações de sentido podem dialogar, modelando a realidade interior, a “língua” pelo seu uso nas instâncias onde ela se produz, na concretude da comunicação verbal, como acontece pelo *orkut*.

Forma-se aí um via de mão dupla: é pela ação sócio-histórica de exercício da linguagem que “a vida entra na língua” (op.cit, 265) e ao mesmo tempo, pela língua, a “vida”, entendida pela complexidade das convivências culturais (e transculturais), engendra novas configurações.

Com os gêneros digitais, a diferenciação que Bakhtin propunha para gêneros primários de secundários acaba sendo neutralizada, pois ao mesmo tempo que se prestam à comunicação cotidiana (característica atribuída aos gêneros primários), esses também se dão na complexidade (o que se atribui aos gêneros secundários). Com isso, denota-se que público e privado parecem perder sua antonímia.

Os efeitos dessas interações público-privadas em meio virtual, de alguma maneira, redimensionam noções tradicionais a respeito de quais cenas enunciativas estariam no escopo das

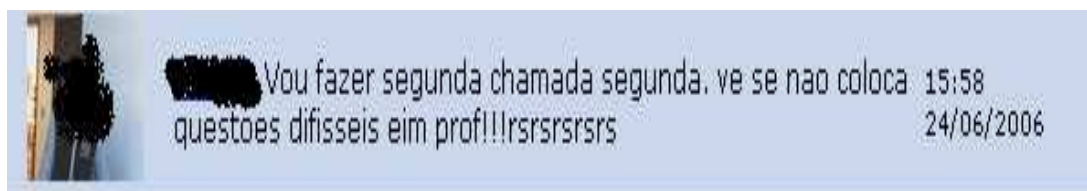
relações entre alunos e professores. Dessa forma, o surgimento de um novo espaço instituído para a constituição dessas relações, impõe a possibilidade do surgimento de um ordem extra-institucional para a (re)constituição desses papéis.

Se no *orkut*, um aluno ou professor não ocupam categoricamente seus respectivos estatus, há índices de que esses estão mantidos, pois não há como estarem desassociados. Por exemplo, se num depoimento de um aluno a um professor, esse se refere a “guerra de bolinhas de papel”, não será difícil reconstruir que, senão em todos os momentos, em alguns, a sala de aula compartilhada por ambos usuários em ambiente material pode ser entendida como um espaço tradicionalmente caracterizado pela indisciplina.

Para atingir os objetivos propostos pela pesquisa, lançarei mão de algumas ferramentas disponibilizadas pelo *orkut* que poderão ser úteis para o desvelar dos papéis de professores e alunos que se constituem pelo uso dessas mesmas ferramentas. A coleta de dados retirados dessas ferramentas, compará o *corpus* da pesquisa.

#### 4. Desinstitucionalizando o institucionalizado

Para a análise dos dados, recorrei três exemplos de “perfis de alunos e professores tipificados por alunos”:

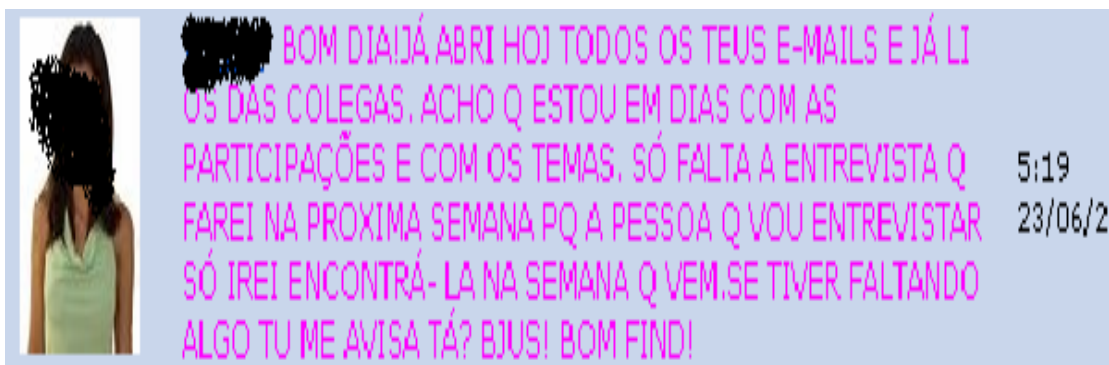


##### Exemplo 1 - *Scrap* de aluna ao professor de inglês

Ao enviar esse *scrap*, a aluna está promovendo o restabelecimento de padrões de contrato originados nas interações face-a-face (ex: prof), já que dirigir-se ao seu interlocutor manifestando a informalidade dessa relação, inclusive, lançando mão de um recurso imperativo (“vê se não coloca”), o que, de certa forma, reitera a idéia de que na interação a língua é “o resultado sempre inacabado de um trabalho coletivo e histórico-cultural” (FREIRE, 2003, p. 67). Esse trabalho coletivo, de alguma maneira, deslocou uma concepção tradicional de que deveria haver formalidade no direcionamento dos alunos aos seus professores. O *scrap* exemplificado também revela uma prática do professor: fazer prova.

A prova dá a esse *scrap* um retorno a uma esfera institucional, mantida pela presença de uma palavra carregada de possibilidades de significação bastante contraditórias: para a aluna que o escreveu, ressoa como um problema, já que o fato dela haver faltado a aula repercutirá na necessidade de realizar “segunda chamada”, além disso, a preocupação com “questões difíceis” parece ter sido a motivação para o envio da mensagem. Já para a instituição, a “prova de segunda chamada” ressoa como um mecanismo de controle, evitando transtornos de que os alunos falem por ocasião das mesmas, já que para realizá-la é preciso um justificativa, um atestado, etc. Para o professor, a prova pode ressoar como um instrumento comprobatório da aprendizagem ou como uma evidência do descuido dos alunos com o estudo, etc.

Seja como for, ao revelar uma prática do professor, ela coloca em evidência o seu horizonte apreciativo frente a ela. Horizonte esse situado, contextualizado ao momento sócio-histórico em que está inserido, já que anos ou décadas atrás, seria praticamente improvável o questionamento frente a esse tipo de avaliação. É justamente a possibilidade de outras significações que instauram o conflito, pois o signo, para Bakhtin “já um um produto ideológico” (1995, p. 31) por excelência.



### Exemplo 2 – Scrap de aluna à professora de espanhol

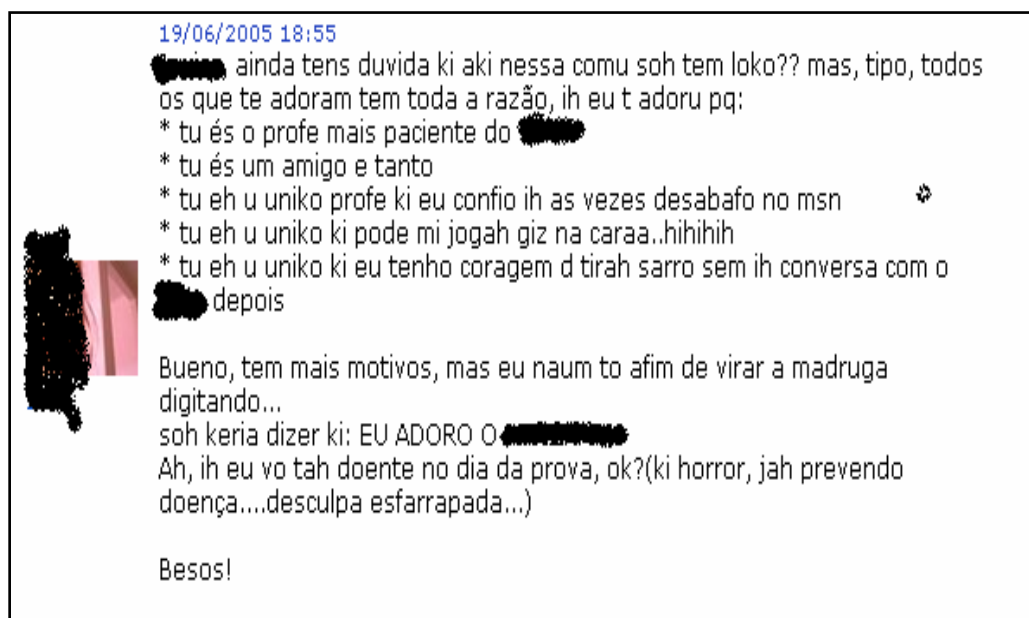
Nesse *scrap* também há uma revelação da relação informal estabelecida pela aluna ao direcionar-se à professora, ao tratá-la de “tu”. De alguma maneira, a idéia de que a relação professor/aluno é “sem dúvida, uma relação assimétrica de poder” (CAJAL, 2001, p. 128), tão criticada nas pesquisas de LA a respeito das interações em sala de aula, parecem ressoar atualmente como menos sustentáveis, já que, para ser mantida, precisa que haja uma co-legitimação desse poder pelos interactantes alunos e professores, o que parece estar sendo desconstruído aos poucos, principalmente pela ação na linguagem que se constitui na comunicação verbal.

A mensagem revela uma prática de trabalho da professora: uso de *e-mails* entre colegas, tarefas extra-classe. Ao revelar um perfil de professora que lança mão dos recursos informáticos para a aprendizagem da língua estrangeira, a aluna está trazendo à tona uma característica positivada pelos recentes estudos de LA, que trazem a tecnologia digital como aliada nesse processo. Esse “já-dito” da LA se põe ideologicamente assimilado na prática da professora.

A aluna também demonstra, pelo uso do *orkut*, a existência de uma relação de complementaridade desse uso com as práticas desenvolvidas em sala de aula, ao justificar o andamento de suas tarefas à professora por meio dessa ferramenta. Alargam-se assim, os espaços de encontros de constituição da subjetividade que demanda a relação aluno-professor, pois ao referenciar-se como instrumento corriqueiro de interação, instaura uma nova instância prática de constituição do saber.

Poderíamos refletir, em contrapartida, que essa “justificativa” poderia ter sido enviada por *e-mail* e ser objeto de conhecimento apenas da professora, não de qualquer um que tenha acessado a sua página de *scraps*. A esse respeito, Marcurschi (2004, p. 17) menciona a “relação hiperpessoal” como uma nova demanda para contrapor a “interpessoal”. Ou seja, do ponto de vista composicional, não seria apenas a “contrapalavra” (Bakhtin, 1995, p. 132) do professor que a aluna estaria esperando, o seu “ato de compreensão ativa e responsiva” (op.cit.), mas dos demais usuários, os quais poderiam compreender o seu dizer como advindo de aluna dedicada, ativa e interessada na aprendizagem.

Por outro lado, a contradição é instaurada quando ela manifesta um reforço de um papel centralizador dado ao professor: avisar quais tarefas deverão ainda ser entregues. Surge então um conflito entre o “já-dito” que reduziria ou neutralizaria a assimetria entre professores e alunos, propalado não só nas pesquisas de LA, mas também nas teorias educacionais e o dizer dessa aluna.



### Exemplo 3 – participação de aluna em comunidade de um professor

Esse exemplo, retirado de uma comunidade destinada aos alunos de um professor de espanhol (na qual participa também esse professor), aparece como uma réplica a declaração do próprio professor, retomada no início da mensagem pela aluna: “ainda tens dúvida que aqui nessa comu só tem louco?”.

Na esfera institucional escolar, um professor afirmar que seus alunos seriam “loucos” ecoaria com um sentido diverso do aqui empregado. Pois o sentido que ele dá e é assimilado pela aluna, é o de que, para gostarem dele, somente sendo “loucos”. Das nove acepções da palavra “louco” no Dicionário Eletrônico Aurélio, uma vai ao encontro da que a aluna e o professor estão compartilhando: “dominado por paixão intensa, dominado, perdido”.

Mesmo assim, esse estreito ajustamento que aproxima uma relação tradicionalmente pública e impessoal entre professores e alunos acaba ocupando um círculo social íntimo, ao emergir o sentido da “paixão” como vínculo entre ambos. Essa “paixão” não se confunde com a paixão carnal homem-mulher, mas, pelas descrições que essa aluna faz das características desse professor, é capaz de reterritorializar os graus de proximidade humana que dão sentido a tais descrições.

Esse professor tipificado pela aluna ocupa, no plano das relações afetivas, “tempo integral” de convivência (no *orkut*, no MSN), extrapolando a profissionalização da esfera educativa, ao revelar-se como amigo com intimidade suficiente para “poder jogar giz nos alunos” e livrá-los de punição institucional mesmo quando reagem inadequadamente (“tirar sarro” sem ser encaminhado ao supervisor disciplinar). Tais contratos interativos, ao serem revelados fora da esfera institucional a qual se circunscreveram, promovem novas ressignificações para o rito escolar e revelam contornos apreciativos diferenciados sobre a relação professor-aluno.

A aluna também trás na mensagem outras vozes que a constituem em sua relação com a escola enquanto espaço institucional e com a disciplina de espanhol. Com a disciplina de espanhol, poderíamos retirar o exemplo do uso discreto dessa língua estrangeira na mensagem (*bueno, besos*) e com a escola, quando afirma que estará doente no dia da prova, ela lança mão de três possíveis respostas-reações para tal afirmativa:

“Que horror!” parece ser uma das reações esperadas pela aluna, talvez a do professor. “Já prevendo doença!” é outra possível resposta, mais atrelada a um discurso maternal e a terceira “desculpa esfarrapada” parece ecoar uma voz escolar, originada tanto da coordenação pedagógica quanto dos próprios colegas. Todas essas vozes acabam entrando como contraponto a possibilidade de “escapar” do instrumento avaliativo prova, novamente mencionado aqui nos exemplos com conotação negativa por parte de uma aluna.

### 5. Conclusão

Busquei aqui, do interior da teoria enunciativa bakhtiniana, propor um esboço de uma reflexão teórica inicial a respeito do *orkut* como um esfera social onde novas interações entre professores e alunos de línguas estrangeiras se desenvolvem, produzindo perfis que se configuram em uma perspectiva êmica, embasada na comunicação verbal entre os sujeitos.

O *orkut* como ferramenta engendra o surgimento de gêneros emergentes assentados em uma concepção mais hiperpessoal do que interpessoal. Essa hiperpessoalidade na verdade retrata um apagamento na antonímia público-privado, que se instaura não só como indício de criação desses novos gêneros, tecnicamente falando, mas também o reconhecimento de novas práticas interativas entre alunos e professores, condicionadas por esse apagamento com uma conseqüente reinvenção de características positivadas e negativizadas pelos alunos.

Entre as positivadas, a afetividade parece ocupar a centralidade nessas interações (não só pelo que vimos no último exemplo do artigo, mas também por outros dados aqui não relatados), seguida pela redução da assimetria entre professores e alunos, legitimada por ambos.

Entre as negativizadas, a continuidade de gêneros institucionalizados. Entre os dois exemplos aqui escolhidos, aparece a “prova” como representação dessa negativização. Os gêneros surgidos a partir da ferramenta *orkut*, ao mesmo tempo que tematizam os demais gêneros, problematizando-os, como no caso relatado anteriormente, simbolizam um espaço interlocutivo de relação intersubjetiva que pode ampliar e modificar vínculos emanados desses gêneros, o que, de alguma maneira, é facilitado por sua desinstitucionalização, a qual se (re)institucionaliza pela linguagem.

Para completar, considero primordial para a LA o desenvolvimento de pesquisas que conduzam teorizações capazes de compreender a relação entre a transposição de interações institucionalizadas para um meio desinstitucionalizado, como é o caso da relação entre professores-alunos de línguas estrangeiras e de alguma maneira, produzir práticas de sala de aula que levem em conta essas novas instâncias de comunicação e seus efeitos.

**RESUMO:** *Este artigo se propõe a discutir sobre a teoria de Bakhtin e sua influência na análise da relação professor-aluno de línguas no orkut, site de relacionamento de grande penetração no Brasil. Conceitos como interação, discurso e gênero foram mobilizados.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *gênero; orkut; interação; professores; alunos.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7 ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chaves*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CAJAL, Irene Baleroni. A interação de sala de aula: como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos? In: ASSIS-PETERSON, Ana Antônia & COX, Maria Inês Pagliarini (orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2*. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

FREIRE, Fernanda. Formas de materialidade lingüística, gêneros de discurso e interfaces. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFFA, Vilson J. A lingüística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_ & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. *Sujeito tecnologizado: entre a simulação do ser e a realidade*. Trabalho apresentado no II SEAD (Seminário de Estudos em Análise do Discurso), 2005.

